

Germinál



N.º II—ANO I

21 de Março de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.»— ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL.—EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

omp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

Espanhois e Portuguezes

Ha dias, os jornais de grande informação publicaram o seguinte telegrama, datado de Madrid:

«La Epocha, publica uma carta de Lisboa em que se advoga a aproximação economica entre Espanha e Portugal.

A redacção, chamando a atenção para esta carta, diz que o iberismo no sentido economico, como base politica no mesmo pé de igualdade, é uma aspiração nacional que deve ser estudada, e é um dever de todos os espanhois e portuguezes procurar desprezar todos os receios mutuos. Esta nota termina dizendo que devem estreitar-se os laços de amizade e difundir o conhecimento reciproco».

Não é a primeira vez que a ideia do estreitamento de relações entre as duas nações da Peninsula se advoga. Sempre essa ideia teve defensores e em todos os campos, politicos e economicos e com os mais variados objectivos: desde o da absorção pela conquista, até á federação livre de agrupamentos de ambos os países para a defeza de interesses e conquista de direitos comuns, para um entendimento honesto donde pudesse resultar um aumento de bem-estar e de progresso para todos os povos da Peninsula.

Duas coisas principalmente se teem oposto até agora a que alguns esforços nesse sentido se tentassem com exito: Um as vezes eram as pretenções dominadoras dos governantes espanhois, outras a demasiada desconfiança dos portuguezes, sempre dispostos a verem por parte dos espanhois, governantes ou não, o desejo de atentarem contra a independencia politica de Portugal.

De tudo isto resultou um afastamento e uma vaga antipatia latente que só teem prejudicado uns e outros, avolumando-se o que os separa e perdendo-se de vista o que os devia aproximar e reunir.

Quem mais tem sofrido e continua sofrendo com este estado de coisas é o povo,

são os proletarios dos dois países, enquanto os varios exploradores se aproveitam dele para, tanto no campo politico como no campo economico, gozarem mais á vontade do fruto da exploração.

Ora é preciso que o proletariado da Peninsula repare de vez para esta situação, de que ele é a vitima principal. Se os interesses de uns e os preconceitos de outros os levaram a procurar manter o afastamento, os mal-entendidos, a antipatia, (que, apesar das boas palavras, existe) é necessario que os trabalhadores espanhois e portuguezes estudem a questão, livremente, sem influencias nacionalistas e comecem a fazer aquilo que se não tem podido fazer até agora. E' ao proletariado que mais interessa um estreitamento cada vez maior de relações, porque é ele que mais tem a ganhar com as beneficios consequencias, de toda a especie, que d'ahi resultarão.

Como o assunto é vasto a ele voltaremos.

A questão do pão

A comissão delegada da Associação de Classe dos Operarios Manipuladores de Pão acaba de publicar um manifesto, em que se mostra como, na verdade, o pão aumentou de preço, se declaram o ministro do fomento e a comissão de subsistencias moralmente responsaveis do assalto ás padarias, e se expõe a situação dos vendedores ambulantes. Chamamos para êle a atenção dos leitores.

Palavras e obras

O chefe evolucionista aconselha ao governo que «ande para diante». Mas adverte-o: «Não é mister recorrer á espada, nem ao tiro,—processos violentos e antipaticos.»

Estas são as palavras. Quem não está esquecido do ministro do interior do Governo Provisorio sabe, porém, quais são as obras.

Os anarquistas e a guerra europêa

Terminando hoje esta longa serie d'artigos—longa demais, devido isso ao desordenado dos primeiros artigos, cuja causa expuz num deles—vou limitar-me a expôr, duma maneira geral, o que me parece haver a corrigir na propaganda e organização anarquista, como fruto da lição que a guerra deve ser para todos. Em subseqüentes numeros do *Germinál* procurarei completar, em artigos soltos, a justificação das opiniões aqui expostas e sempre com o mesmo fim: contribuir para que a questão se esclareça o mais possivel, com o que só teremos todos a ganhar.

O facto para nós culminante na declaração da guerra, é que á ordem de mobilização se não respondeu com a greve geral, com a insurreição ou com qualquer acto que tentasse ou fosse capaz de prejudicar essa mobilização, como tantas vezes se pégava.

Isso não se fez porque a massa revolucionaria não estava preparada para o fazer com o resultado necessario, isto é: de modo que a insurreição produzisse um levantamento de forças organizadas capazes para resistir ao invasor, qualquer que ele fosse. Porque não sendo assim, a insurreição não seria mais do que um gesto inutil e um agravamento do mal. A forma porque a Alemanha se conduziu e as provas de desejo de paz, de attitude defensiva por parte da França, fizeram com que uma grande parte dos revolucionarios francezes pegassem em armas contra o invasor, convictos de que este representava um perigo tanto maior, quanto entre os elementos avançados alemães se manifestara—excepção feita duma pequena minoria revolucionaria, im-

potente para grandes cometimentos—um decidido acordo com a guerra de invasão, com um desprezo manifesto por todos os laços de solidariedade pré-gados antes. Se a agressão se tivesse dado por parte da França, creio bem que as coisas não se teriam passado neste paiz como se passaram. E' um ponto que se não deve perder de vista.

A attitude dos revolucionarios que pegaram em armas e dos que os aprovam, foi classificada desfavoravelmente pelos abstencionistas, seguindo-se uma discussão sobre o que mais convinha e convem fazer. Esta discussão continúa e continuará até que os acontecimentos chamem a atenção de uns e outros para alguma obra comum e urgente a fazer, perante a qual, quero crer, se começará a reconhecer que as divergencias produzidas são muito mais superficiaes e menos perigosas para a causa do que certos camaradas julgam.

A guerra e a impotencia manifestada pelos revolucionarios, veio-nos mostrar que a propaganda internacionalista e antimilitarista fôra mal feita. E isto aconteceu assim porque:

—A propaganda foi demasiadamente formalista e literaria.

—Não se atendeu ao estado de preparação mental daqueles a quem se pégava.

—A propaganda foi uniforme, não se atendendo ao meio onde ela se fazia.

—Houve demasiada preocupação com o aspecto economico-capitalista da questão social, relativamente aos outros: religioso, nacionalista, politico, psiquico, racial, etc., donde resultou que:

—Não se contou com a força da tradição nacional, com a in-

fluencia da agitação de momento, com a revivescencia de crenças religiosas, julgando-se que todas estas ideias estavam mais enfraquecidas do que realmente estão.

— Não se atendeu a que a questão das nacionalidades ainda constitue uma dificuldade para a nossa propaganda, com a qual é preciso contar, quer para lhe evitar os inconvenientes, quer para aproveitar os ensejos que possa fazer surgir em nosso favor, o que não é impossível de acontecer, dada a complexidade da vida social.

— Prégou-se a indiferença pelos regimens políticos, o que — apesar de na pratica essa indiferença não existir, ou até por isso mesmo — contribuiu para a confusão que existe em muitos espiritos. Isto é, não se definiu claramente que importancia se deve atribuir aos regimens políticos.

— Não se atendeu, na propaganda das ideias, á economia domestica, prégando o sacrificio *presente* pela revolução *futura*, sem nos lembrarmos de que o bem-estar immediato tem muita força na orientação ideologica dos indivíduos, de que são raros os idealistas que estão em condições de se contentarem com a convicção num triunfo que não poderão ver.

— Não se atendeu, á mulher nem á creança, tanto no que respêta á economia domestica como á propaganda ideologica, que tem de revestir um aspecto especial para ser util.

Eis, duma maneira geral, expostas as falhas, se assim se pôde dizer, da propaganda anarquista e que é preciso remediar, fazendo... o contrario, naturalmente: atender-se ao que se menosprezou, definir-se o que está confuso, descer á realidade das coisas, occuparmo-nos do que elas são e não apenas do que elas deviam ser, para se armonisar tanto quanto possível, sem abdicções, o presente que se nos impõe com o futuro a que se aspira. E' preciso olharmos, o que quasi se não fez, para a possibilidade ou praticabilidade do que se pretende; é preciso não julgar que, pelo facto de se criticar uma instituição e de se falar na que a deve substituir, quem nos ouve ou nos lê, — dando sinais de completo acordo conosco, — se transformou num revolucionario consciente.

Bem sei que é tarefa ingrata, essa de armonisar o ideal com as necessidades da vida, na prégção e sobretudo na organização. Mas isso não deve ser motivo de a abandonarmos, antes pelo contrario. Tudo tem inconvenientes e vantagens; mas estudem-se as questões e proceda-se o mais utilmente para a ideia.

Emilio Costa.

FIGURAS DA SOCIAL

EUGENIO VARLIN

(1839-1871)



Luis Eugenio Varlin, nasceu a 5 de outubro de 1839, na aldeia de Voisins, comuna de Claye do departamento de Seine-et-Marne (França). Ao sair da escola, aos 13 anos, seus pais mandaram-no para Paris aprender o officio de encadernador, em que veio a ter reconhecida capacidade.

Aprendiz até ao fim de 1854, percorreu em seguida, como official, diversas oficinas parisienses, do mesmo passo que fazia a sua instrução geral em cursos nocturnos e por meio da leitura, a que se entregava sem desço, e em 1864 entrou, na qualidade de contramestre, para a casa Despierres.

Sobrio, não bebia, nem fumava, — diz-nos Descaves. Tirava de si mesmo, de uma natureza generosa e de uma intelligencia fertil, todos os seus excitantes. Parecia frio e era só reflectido. Falava pouco. Escutava com os olhos, tanto como com os ouvidos. Tinha esse olhar penetrante que só o honesto pode sustentar. Como em sua mãe, da sua fisionomia irradiava a firmeza.

As sociedades operarias

Para ser definitiva, a revolução proxima não deve reduzir-se a uma simples mudança de taboleta governamental ou a algumas reformas de detalhe; deve libertar radicalmente o trabalhador de todas as explorações: capitalista ou politica, e estabelecer a justiça nas relações sociaes.

A sociedade não pode deixar ao arbitrio dos privilegiados de nascimento ou da sorte a disposição da riqueza publica. Producto do trabalho colectivo, ela não pode ser empregada senão em proveito da colectividade: todos os membros da sociedade humana têm direito igual ás vantagens que dela decorrem.

Mas esta riqueza social só pode assegurar o bem-estar da humanidade, com a condição de ser utilizada pelo trabalho.

Se, portanto, o capitalista, industrial ou comerciante, não deve mais dispor arbitrariamente dos capitais colectivos, quem os fará fructificar com vantagem para todos? quem, numa palavra, organizará a produção e a distribuição dos productos?

A menos que não queiram encarregar tudo a um Estado

Fez as suas primeiras armas na sociedade dos encadernadores de Paris, para cuja fundação contribuiu em 1857 e que veio a reorganisar com a denominação de *Sociedade de solidariedade dos operarios encadernadores de Paris*, em 1870. No mês de agosto de 1864, por ocasião da ultima greve dos encadernadores parisienses, foi da comissão graças á energia da qual estes fizeram triunfar o principio do dia de trabalho reduzido a 10 horas. Fundou a sociedade de alimentação «La Marmite», cujos estatutos foram aprovados em assembleia geral de 19 de Janeiro de 1868. E foi em 1869 o secretario da *Camara Federal das Sociedades Operarias de Paris*, que se pode chamar a primeira União dos sindicatos parisienses.

De um notavel talento de organisador, a sua modestia era tão grande como a sua actividade, que nunca deixou de empregar na luta operaria.

Precursor do sindicalismo, como estas indicações deixam entrever, senão um dos seus primeiros militantes, escrevia em março de 1870: — «As sociedades corporativas formam os elementos naturais do edificio social do futuro: ellas é que poderão facilmente transformar-se em associações de produtores; ellas é que poderão empregar a utensilagem social e organizar a produção».

Filiado na Internacional, logo no seu inicio, foi a alma da comissão parisiense da celebre Associação, cuja defesa faz no processo de maio de 1868, e enfileirou-se entre os bakounistas.

Varlin fez parte da minoria socialista da Comuna, pela qual combateu nas barricadas até á ultima. Denunciado por um padre, foi preso na rua Lafayette, conduzido a Montmartre e depois á rua des Rosiers, donde o levaram, num prolongamento de agonia, outra vez a Montmartre; ali foi fuzilado a 28 de Maio de 1871.

centralizador e autoritario que nomearia os directores de fabricas, casas de distribuição, os quais directores nomeariam por sua vez os sub-directores, contra-mestres, chefes de officina, etc., e atingir assim uma organização hierarquica, de cima para baixo, do trabalho, em que o trabalhador seria apenas uma engrenagem inconsciente, sem liberdade, nem iniciativa; a menos disso, nós somos forçados a admitir que os trabalhadores, elles proprios, devem ter a livre disposição dos seus instrumentos de trabalho, sob condição de fornecerem os seus productos para troca, pelo custo, a fim de se dar reciprocidade de serviços entre os trabalhadores das diferentes especialidades

E' para esta ultima ideia que tende a maior parte dos trabalhadores que, ha anos já, veem lutando energicamente pela emancipação da sua classe. E' essa ideia que prevaleceu nos vários congressos da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Comtudo, é conveniente não imaginar que semelhante organização pôde facilmente improvisar-se em todas as suas par-

ticularidades. Não bastam para isso alguns homens inteligentes, dedicados, energicos. E' necessario principalmente que os trabalhadores, *chamados assim a trabalhar juntos, livremente e no pé da igualdade respectiva*, já estejam preparados para a vida social.

Uma das maiores dificuldades que os fundadores de sociedades de todo o genero, tentados nos ultimos anos, teem encontrado, é o *espirito do individualismo*, excessivamente desenvolvido na maior parte dos homens, mesmo naquelas que compreendem que só pela associação os trabalhadores podem melhorar as condições da sua existencia e alcançar a sua emancipação.

Pois bem! As sociedades operarias, sob qualquer fórma que existam actualmente, teem esta enorme vantagem: habituar os homens para a vida em sociedade e prepará-los para uma organização social mais extensa. Habitua-nos não só a concertar-se e a entender-se, mas ainda a occupar-se dos seus negocios, a organizar-se, a discutir, a raciocinar ácerca dos seus interesses materiais e morais, e sempre no ponto de vista colectivo, pois que o seu interesse pessoal, individual, directo, desaparece desde que fazem parte de uma colectividade.

Junto ás vantagens que qualquer destas sociedades pôde ter para os seus membros, ha, no facto do desenvolvimento da sociabilidade, o bastante para fazê-las recomendar todas pelos que aspiram ao advento do socialismo.

Março, 11-1870.

Eugenio Varlin.

A Juventude

No *Despertar*, deste mez, um joven sindicalista de França diz que:

«Muita gente se admira da attitude tomada por Kropotkine; pois de nada temos que nos admirar. Acaso elle mudou de ideias? Não. Já antes da guerra elle exercia francamente, que os anti-militaristas tinham feito grandes erros na propaganda».

Depois de declarada a conflagração, foi elle o primeiro que, pela pena, emunctou esta pergunta: será esta guerra uma guerra libertadora?

Demais, porque razão esperavamos outra attitude, da parte dum intelectual? Leímos as suas numerosas obras de propaganda e encontraremos n'ele um sincero, nada mais.»

A juventude esperançosa é uma coisa muito interessante; mas quando ella nos aparece assim, fica-se um pouco... atonito!

Corrigindo

Nas palavras que precedem a carta de Kropotkine inserta na secção *A proposito da guerra* do ultimo numero, saiu: «o apoio de uma das guerras», quando era: «o apoio de uma passagem do estudo das guerras»; e na propria carta safu: «muito pobre. Neste momento», quando era: «muito pobre, neste momento.»

A PROPOSITO DA GUERRA

O caso Sebastião Faure — Abdica-se pegando em armas?

Sebastião Faure, publicou outro manifesto em que explica porque renuncia *por agora*, á sua campanha em favor da paz. Nesse manifesto, que ocupa quasi toda a 1.^a pagina de *Tierra y Libertad* de 10 do corrente, S. Faure reproduz a entrevista que teve com o ministro do Interior, Malvy, e de que já demos um resumo.

A seguir damos o final da entrevista agora relatada por Faure, que é a parte onde se diz o motivo da suspensão da campanha. Depois de acalorada, embora muito cortez discussão, e do ministro lhe dizer que a leitura, nas trincheiras, do seu manifesto produzira um tal efeito que houvera necessidade de condenar a serem fuzilados revolucionarios e até amigos de Faure, diz este:

«En este momento, yo lo confieso, porque es la verdad, me sentí fuertemente impresionado, no encontrando la palabra adecuada para explicar mi grandísima emoción. Mi corazón sufrió una violenta y profunda opresión y mis ojos se nublaron y humedecieron, chispeando lágrimas.

¡Qué tristeza, qué dolor y qué remordimiento para mí si otros habían pagado con su vida lo que yo había hecho! Pues si había algún culpable ese culpable ¡era yo! ¡Si alguno debía ser inquietado, perseguido, condenado, ese alguno yo, yo solo! Y yo que creía no comprometer a persona alguna, yo que había creído asumir todas las responsabilidades firmando solo, absolutamente solo, mi manifesto!...

Todas estas reflexiones me asaltaron bruscamente. En un rápido momento de excitación imaginativa veo caer a mis mejores amigos, los camaradas más queridos. ¡En su postrera mirada leo un reproche por haberles sacrificado, mientras yo estaba bien, resguardado de todo peligro!

El gran trastorno que de mí se había apoderado era atentamente observado por M. Malvy, quien parecía no ser insensible a mi angustia y hasta que participaba de mi intensa pesadumbre.

— Tranquilizaos — me dice —. Hay en el ministerio hombres que, por principio y por naturaleza, son adversarios de los procedimientos de «mano fuerte» los que sólo consienten en casos excepcionales y de absoluta e indiscutible necesidad. Estos hombres son adversarios de los tribunales marciales y de la justicia sumaria y se han opuesto firme y decididamente a todas las medidas de rigor que la autoridad militar tenía el disgnio de aplicar a vuestros amigos.

Yo he obtenido que todos los documentos del expediente formado, es decidir, procesos, informaciones y cartas relacionadas con este asunto, me fuesen entregados, y los he arrojado al fuego. Todo ha sido destruído. De los procesos, de las informaciones hechas, de las cartas halladas, no queda nada. Todo ha sido reducido a cenizas. Este asunto, como si no hubiera existido.

— ¿Vos habéis hecho eso? ¿Vos me lo afirmáis?

— Yo os lo aseguro; os doy mi palabra de honor.

— Gracias. Pues bien, M. Malvy; no quiero titubear en hacerlos la promesa de lo que esperaré de mí, comprometiéndome a satisfacer vuestros deseos. Os doy mi palabra y estimaré que ellos de la seguridad de que sabré cumplirla.

— Tengo la certidumbre de que se

puede confiar plenamente en vuestra lealtad, y sinceramente os doy gracias por ello.

Después de estas palabras me levanté para despedir-me. M. Malvy me acompañó hasta la puerta de su despacho, y ya en el umbral, instintivamente y como para sellar el compromiso contraído, nos demos un vigoroso apretón de manos.

Com a carta que segue e as mais que temos publicado, não pretendemos afirmar que não haja outras mostrando diverso estado de espirito, menos revolucionario, mais abatido pela situação. Cremos bem que *haja de tudo*, como sempre; mas ascetas publicadas e muitas outras, indicam clara ou tacitamente que o estado de espirito dos seus autores é compartilhado pela generalidade dos seus camaradas e até por novos aderentes á boa causa recrutados pela propaganda que, apesar das circunstâncias, se não deixa de fazer. O nosso intuito é mostrar que os revolucionarios que foram para as fileiras, não se perderam *ipso facto* para uma acção futura, que não abdicaram, nem são especialmente expostos ao perigo para se inutilisarem, pois não se concebe que assim se fizesse quando, a par de rigores que existem e de que ninguém se deve admirar, se deixa circular nas trincheiras a *Bataille Syndicaliste* e certamente outros escritos de propaganda nada conservadora, antes pelo contrario.

Caros camaradas:

«Que sofrimento moral para um individuo sincero, animado de sentimentos fraternais, estar nesta situação: dar a morte, estar exposto a recebe-la, enquanto tantas obras de vida reclamam a presença de todos; sonhar com a felicidade universal e ter ao alcance da mão o instrumento da morte! Que coisas nos passam pela cabeça nas compridas horas de serviço. Também, asseguro-vos que se adquire, nesta existencia um desejo ardente de acabar com ela para retomar com mais intensidade a luta pelo nosso ideal.

Ainda que a B. S. não represente por completo o meu ideal, pude vencer-me de que, em vez de nos entregarmos a todas essas lutas intestinas, tão deploráveis entre camaradas, devemos antes dar provas da nossa tolerancia maior e dar-mo-nos as mãos fraternalmente, sem distincção de egrejnhas, para formar uma solida barreira a opôr á onda nacionalista que ameaça subverter-nos, se nós nos descuidarmos. Por isso se a sorte continuar a favorecer-me, é com um novo ardor, que a guerra me terá dado, que retomarei o meu lugar nas nossas fileiras.

A' parte isto, sinto-me satisfeito quando, abrigado na trincheira, o sargento me traz a B. S. a qual uma vez lida, a passo aos meus vizinhos e lhes explico certos artigos. São os meus melhores momentos, aqueles de que me lembrarei com alegria, mais tarde.»

O odio raras vezes chega a ponto de incendiar a casa alheia; a inveja alegra-se sempre de a ver a arder.

Wltaur.

Primeiras letras

A comuna

Não passa um ano sem que o povo trabalhador comemore o aniversario da proclamação da Comuna de Paris. Porquê? Sem duvida porque ela é obra sua, nascida no seu espirito e no seu coração, — porque foi sangue seu o derramado na defesa dela e em consequencia da queda que teve.

A revolução de 18 de Março de 1871 — diz um escritor — foi essencialmente operaria: foram os trabalhadores que a criaram e a apoiaram, sustentando-a com o seu voto e com a sua carabina. Os dois meses de Comuna foram verdadeiras «jornadas» operarias. O seu fim social tornou-se bem visível, conquanto através dos tumultos e do fumo da polvora se não pudessem conhecer as minudencias.

O 18 de Março procede em linha recta da insurreição de Paris em 1848, da insurreição de Lyon em 1831, da conjuração dos Iguais no ano IV da primeira republica franceza, numa palavra, de todas as passadas insurreições de servos e oprimidos para sacudirem o jugo e conquistarem a sua libertação. E foi isto: derribo de um governo de traidores, e intento de realizar a revolução social, por meio de uma organização que no futuro transformaria completamente a moral da sociedade, as relações humanas e o regimen da produção e da troca.

Simple esboço; sem se atrever a lançar-se no caminho da revolução economica, procedendo á expropriação do capitalismo e á organização do trabalho; indecisa e vaga, característico geral dos espiritos da epoca; a Comuna viveu inspirada em doutrinas que se traduzem na afirmação da igualdade humana pela autonomia dos individuos e das agrupações e pela federação destas, sem distincção de raças nem de fronteiras.

Entre os seus martyres contam-se Flourens, Duval, Rigault, Millière, Delescluse, Vermorel, Molin, Varlin e Ferré. Mas outros, como Breslay, Vaillant, Malon, Julio Vallés, Eudes, Courbet, Luisa Michel, Eliseu Reclus, Léo Frankiel, Jourde, Lefrançais, etc., lhe deram o seu esforço.

Adoptou entre outras medidas as seguintes: Autonomia da Comuna, limitada pela autonomia das demais, constituindo a união franceza; direito de administrar os bens, nomeando, por eleição e com responsabilidade, os magistrados e funcionarios municipais; garantia absoluta da liberdade individual e de trabalho; intervenção permanente dos cidadãos em todos os negocios; criação de instituições para desenvolver e propagar a instrução, produção, credito e troca; supressão do orçamento de cultos e declaração de bens nacionais, de todos os moveis e imoveis das comunidades religiosas; pensões ás esposas e filhos dos guardas nacionais mortos na defesa dos direitos populares, e a adopção das viuvas e filhos dos mesmos; destruição da coluna Ven-

dôme, «como um monumento de barbaria, um simbolo de força bruta e de falsa gloria, uma afirmação do militarismo, uma negação do direito internacional, um insulto permanente dos vencedores aos vencidos, um atentado permanente a um dos tres grandes principios da republica franceza — a Fraternidade; organização da estatística das oficinas abandonadas, e condições praticas de explorar imediatamente essas oficinas; supressão do trabalho de noite; demolição da igreja Bréa, como um insulto permanente aos vencidos de junho de 1848; abolição de multas aos operarios; liquidação dos Montes de piedade; destruição da capela expiatoria de Luiz XVI, «insulto permanente á primeira revolução e um protesto da reacção contra a justiça do povo»; suspensão geral do pagamento dos alugueis relativos aos arrendamentos de outubro de 1870 a abril de 1871.

Vencida, talvez pela força, pelos seus proprios erros talvez, e logo saudada em sitios diversos, as suas ideias espalharam-se pelo mundo, conquistando as simpatias do proletariado, e inculcando-lhe a esperança de breve ser efectiva a obra que 1789 ou deixara incompleta, ou apenas anunciara: — *derrota de todo o feudalismo e libertação de todos os escravos.*

Abc.

NOTAS LIGEIRAS

Ha anos, como já fosse cara a vida e se clamasse contra a lei dos cereais — *lei da fome!* — dei-me a ler, em comum com alguns militantes operarios, esse terrífico produto do legislador português, cuja revogação era desejo de muitos. Da leitura, atenta quanto se poute, uma coisa veio a concluir-se: — a lei dos cereais era necessaria ou pelo menos conveniente e deve conservar-se, salvo uma ou outra alteração de detalhe.

... Que eu não afirmo que não nos houvesse invadido a todos o receio de virmos a encontrar-nos na situação da velha de Siracusa: chorar a falta daquela, por poder vir outra peor!

«A causa dos sindicatos operarios está julgada. Agora andamos a instruir a da guerra.» — E nada recebem os timoratos. O mal da *divergencia guerrista* de hoje, como a luta pro-sindicalto de hontem, não afectará a vida do anarquismo.

A'cerca da comutação da pena de um dos espanhois incendiarios da Madalena, tres coisas, pelo menos, convem fixar: — 1.^a — pediu comutação, e instou por ela, o governo de Espanha, o mesmo que se recusou a um «gesto» indentino para com Ferrer, apesar das manifestações das varias nações da Europa; — 2.^a — os espanhois condenados são dois, um pobre, rico o outro, e dos dois é o rico, só o rico, que merece ao governo de Espanha cuidados e canceiras; — 3.^a — os politicos democraticos portugueses, não negando que o governo de Portugal prometera a comutação, insurgem-se contra ela, porque o seu dever... era prometer sempre e jamais cumprir!

Qualquer.

Feminismo

Anuncia-se que no mês de abril se reunirá na Haia, um congresso internacional feminista.

Um inquerito

Os socialistas e a monarquia

Pode afirmar-se que os socialistas nunca tiveram ligações secretas com a monarquia, — como fez a *Republica Social*?

Vimos a resposta que se pode colher nas palavras que, a propósito dos «Documentos Politicos» escreveram o órgão socialista — *O Facho* e o seu correligionario Antonio Pereira. E' um redondo não.

Vejamos agora se o mesmo não se encontra no depoimento que, em um jornal monarchico, anda a fazer o sr. Ladislau Batalha, socialista actualmente afastado do partido. Diz, por exemplo, o redactor do desaparecido periodico *Avante*, do Barreiro:

— Decorreu algum tempo, quando recebi no Barreiro uma carta de Alfredo A. Monteverde, convidando-me para uma conferencia que poderia realizar-se na Sala dos Embaixadores, ministerio dos Negocios Estrangeiros. Respondi afirmativamente, bem surpreendido, por ignorar do que se tratava.

Lá fui e lá nos reunimos no logar aprazado.

Cheio de precauções, corridos os reposteiros e verificada a fecharia das portas, o sr. A. Monteverde, de quem e contra quem aliás não tenho o menor motivo de queixa ou de más apreensões, inteirou-me então do que havia feito no sentido de dar cumprimento á aspiração operaria de Bairros Economicos.

— Muito lhe agradeceria se pudesse reproduzir-me as palavras do sr. Monteverde...

— Sua Magestade El-Rei, me disse elle, tem seguido com o maior interesse os trabalhos do Congresso Nacional Operario, e muito de preferencia se tem interessado pela questão das Casas Economicas.

Fitando-me, como quem procurava ler na minha fisionomia o efeito da sua comunicação, proseguiu nos seguintes termos:

— O meu caro amigo, que já me vae conhecendo, avalia quanto eu terei ajudado a animar esta boa disposição de El-Rei, que, embora pela sua categoria não possa dar-se por socialista militante, abraça no seu intimo os bellos ideaes de emancipação e felicidade, e deseja coadjuva-los. Já tem gasto bem bom dinheiro...

— Ignorava que a pobre these do Congresso Nacional Operario tivesse impressionado de tal maneira El-Rei! Foi a minha resposta ao sr. Alfredo Monteverde. Mas felicito por isso tanto o Rei como o vassallo que tão bom conselheiro tem sido na santa obra. Que deseja então de mim? lhe perguntei. Que posso fazer ou que valor tenho eu, pobre delegado operario, para tomar parte ou acção na obra em que andam agora empenhados os nobres e os fidalgos?

Hesitou por instantes, como quem procurava o modo de me expor o seu pensamento. Depois acrescentou que o mais difficil estava feito, pois havia já dinheiro, terreno e projectos. E que lhes falta então? perguntei. Respondeu-me que ia nomear-se uma direcção executiva e para que aquella obra fosse de veras operaria, como convinha, pedia-me auctorisação para increver o meu nome como presidente e representante das classes operarias portuguezas.

Quedemo-nos hoje por aqui. E emquanto esperam o resto da transcriçào, não esqueçam os leitores que a scena se passa em uma sala do Ministerio dos Estrangeiros, corridos os reposteiros e verificada a fecharia das portas.

A Comuna na agonia

29 de maio

«A gente consola-se como pode, mas não podemos. A cabeça está vasia, o coração repleto. Impossível pensar ou reflectir, todo o ser está absorvido numa dôr vaga, numa tenebrosa angustia. Sentimos que a nossa existencia está por um fio. Nãs nos atrevemos a pensar em todos esses amigos assassinados, e aos que o vão ser!... que nobres frontes que nunca mais veremos e que jazem agora por terra, emporalhadas, numa lama sanguinolenta!

Transmitem-nos as palavras dum medico: «Os que não são uns simples animaes, dispenderam, durante estes oito dias, mais fluido nervoso que dispenderiam durante um ano vulgar.»

E no entanto, curiosos afluem ás ruas e boulevards; vão-se ver os escombros e os sinaes do massacre como se iria ver uma exposição; ha mesmo mulheres bem vestidas, pois que, parece que hoje é dia de festa, segunda-feira de Pentecostes. Não é certo que, um estrangeiro que olhasse apenas para as fisionomias, tivesse advinhado o horrivel drama.

A' parte a frivolidade insigne que tão tristemente illustrou a nação franceza, á parte a alegria odienta e cruel dos estupidos amigos da ordem que creem que tudo acabou, que poderão engordar durante o resto da vida, agiotando, explorando e pandegando, ha medo. Tem-se medo, mas é-se curioso, quer-se ver custe o que custar, para procurar um refugio, para indicar um abrigo a alguem, para saber se os que se amam estão mortos ou vivos; e quando se tem medo, é preciso oculta-lo deante de todos esses vigilantes que vos provocam com o olhar, que vos impecionam o semblante, as mãos, o facto, a attitude, que ganham seis francos para prender um suspeito, cincoenta para o fazerem fusilar.

Nunca as pessoas teem o ar tão alegre e tão despreocupado, como quando estão mergulhados no Terror.»

30 de maio

«Um burguês liberal, amigo da minha familia, ha quarenta ou cincoenta anos, e de resto excelente homem, dizia-me, recusando-me um refugio em sua casa: «Fôra dos amigos da ordem, não ha agora senão três categorias de individuos: a primeira, gente para fusilar; a segunda, gente para Cayena; a terceira, gente para Nouka-hiva e V. deve pertencer a uma destas categorias!»

Elie Reclus (*La Commune au jour le jour*).

Quanto á especie de verdade que se encontra nos livros, é uma verdade que nos ensina a conhecer ás vezes como as coisas não são, sem nos fazer nunca descobrir como elas são.

Anatole France

Dicionario subversivo

(Continuação) (*)

B

BURGUESIA — Classe social que escamoteou a Revolução em seu proveito, — segundo os socialistas. Pela definição de «burguês» dada por Flaubert, seria todo o conjunto de homens de pensamentos vis.

C

CACIQUES — Alcinha que, nos ultimos tempos da monarquia em Portugal, foi posta aos chefes politicos locais, que organisavam as votações, arranjavam os votos, dirigiam as «tribus» e comunicavam com a politica do alto... Eruditamente se diz que foi avocada da America, onde era o titulo dos antigos principes ou chefes de varias regiões. Os caciques deram de si o...

CACIQUISMO — «Endiosamento de plebeo enriquecido ó burguês aristocratisado. Algo grosso e brutal, é ladino e rufianesco, que gusta hacer sentir el latigazo al sometido». E' como diz um escritor espanhol conhecido do sr. João de Mezezes.

(*) Veja os n.ºs 3, 4, 6 e 9.

Neste ultimo numero, na expressào — *Bem do país*, saú «carapuça», em vez de «carapaça».

A' volta do mundo

4.ª, 10 de Março. — Portugal — Agitação em Setubal. Causa: a carestia do pão.

5.ª, 11. — Portugal — Manifestação popular contra a carestia da vida, em Castelo Branco.

— Em resultado da exoneração de Herculano Galhardo, recompõe-se o ministerio Pimenta de Castro, ficando com a pasta das finanças o coronel sr. Rodrigues Monteiro, com a dos estrangeiros o coronel sr. Teofilo Ferreira, e entrando para a das colonias o vice-almirante sr. Teixeira Guimarães.

6.ª, 12. — Portugal — Tumultos na Regua. Manifestação popular contra o aumento do preço do pão, em Tomar.

— *Espanha* — Manifestação de mulheres contra a carestia do pão, em Jaen. Motins em Linero — Zamora, por causa do imposto do consumo.

— Os operarios sem trabalho reunidos em comicio, em Cartagena, resolvem conceder ás autoridades e aos patrões, determinado praso para lhes facilitarem occupação.

Sab. 13. — *Espanha* — Agitação operaria em Cadiz e Alicante. Manifestações contra a carestia da vida em varios pontos.

— *Grecia* — Os jornais affirmam que o novo gabinete, presidido por Gounaris, seguirá á politica de Veniselos.

— *Russia* — Morre o Conde Witte, primeiro ministro no primeiro ministerio da nova *Russia*.

— *Mexico* — Recrudescer o movimento revolucionario.

Dom. 14. — Portugal — Comícios em Lisboa, Almada, Pedras Rubras e Povo de Varzim, contra a carestia da vida.

— Comicio de lavradores do Douro em Vila Rial, por motivo do tratado de commercio anglo-luso.

— Comicio em Pardelhas, para obter a liberdade de pesca na ria de Aveiro.

— *Espanha* — As eleições originam tumultos em varios pontos.

— Em Murcia efectua-se uma manifestação de milhares de trabalhadores, reclamando providencias para ser delibada a crise operaria.

Contra a carestia

Com grande concorrência, realisou-se no domingo, no extremo do parque Eduardo VII, junto á Penitenciaria, o comicio promovido pela União Operaria Nacional. Falaram diversos propagandistas, entre os quais Mario Nogueira e Carlos de Melo, pela U. O. N., Antonio Pereira, em nome da União dos Sindicatos operarios de Lisboa, e os camaradas Jeronimo de Sousa e Sebastião Eugenio.

No atoleiro

De *Tierra y Libertad*, 10-3-915 — do grupo *Ni dogmas ni sistemas*, de Dowlais, (Inglaterra): —

«Es preciso salir del atolladero en que nós han metido unos con sus claudicaciones, otros con sus opiniones faltas de verdad anarquista como sobradas de tramoya historico-guerrera y otros con haberse transformado, como Lorenzo y Fructidor.»

O quê, Lorenzo tambem? Lorenzo transformando-se e metendo os anarquistas num atoleiro! Que surpresas nos estarão ainda reservadas?

VIDA ASSOCIATIVA

União Operaria Nacional — Comemorando o primeiro aniversario do Congresso Operario, realizado em Tomar, effectuou-se no domingo, 14, uma sessão solene na séde da U. O. N., com uma grande assistencia de diversos elementos da classe operaria e grande numero de delegados que tomaram parte no aludido Congresso. Fez uso da palavra, entre outros, o camarada Francisco Cristo, que, pedindo a todos que o escutavam, que se unam para que a missão espinhosa confiada no congresso de Tomar á União Operaria Nacional, dê os resultados desejados, se occupou da carestia da vida.

Confereencia tipografica — Promovida pela Federação Tipografica Portuguesa, realizar-se-ha nos dias 28 e 29 do corrente mês, respectivamente domingo e segunda-feira, uma conferencia dos delegados dos sindicatos aderentes á mesma Federação.

Esta conferencia é dividida em tres sessões, que se efectuarão na séde da Federação Tipografica, á Calçada do Combro, em Lisboa: a primeira no domingo, ás 10 horas; a segunda, no mesmo dia, ás 20, e a terceira e última, na segunda-feira, ás 21.

A ordem dos trabalhos é assim constituida:

1.ª sessão — Discussão e votação dos relatórios e contas correspondentes ao quadriênio de 1909 a 1913 e ao biênio de 1913 a 1914.

2.ª sessão — Apresentação e discussão duma proposta do congresso federal sobre a reorganisação da Federação Tipografica Portuguesa.

3.ª sessão — Eleição do conselho federal e da fixação da data e local para a realisação do 3.º Congresso.

União Anarquista Comunista da Região do Sul — Prosequindo nas sessões de propaganda, da série que se propoz levar a cabo, o comitê desta União deliberou realizar na preterita quarta-feira, na Secção da Construção Civil de Palma, uma sessão doutrinnaria, que esteve muito concorrida e em que falaram diversos militantes.

Hoje, os camaradas desta União irão em missào de propaganda a Setubal, onde será efectuada, na Associação dos Trabalhadores do Mar, uma sessão doutrinnaria.

Aos camaradas e grupos aderentes lembra-se a necessidade de contribuirem com a sua quota parte de esforço, moral e material, para que resulte o mais proficua possivel e tenha um cunho de grandiosidade, a obra em que nos empenhamos.